

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES HÍBRIDAS

DANIELLI COSTA WAL

INTERVENÇÕES URBANAS: arte e arquitetura

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2016

DANIELLI COSTA WAL

INTERVENÇÕES URBANAS: arte e arquitetura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Ismael Scheffler.

CURITIBA
2016

TERMO DE APROVAÇÃO

INTERVENÇÕES URBANAS: ARTE E ARQUITETURA

por

DANIELLI COSTA WAL

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Híbridas pelo Curso de Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Ismael Scheffler (UTFPR) – Orientador

Prof.^a MSc. Simone Landal (UTFPR)

Prof. MSc. Lydio Roberto da Silva (UNESPAR)

Curitiba, abril de 2016.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me apoiaram e incentivaram
minha educação.

Aos meus pais, Roberto e Cleni.

À minha irmã e amiga, Mayara.

E ao meu companheiro, amigo e eterno namorado, Enrico.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, na execução deste trabalho:

Aos meus pais Roberto e Cleni, pela dedicação e pelo apoio para a realização do curso de especialização. Ao meu namorado Enrico, pelo carinho e pela dedicação. À minha irmã Mayara e às amigas, em especial à Clarissa Santos, pelo apoio, pela leitura e pela compreensão, e à Camila Rosa, pela revisão e edição deste trabalho. Ao meu orientador, Prof. Dr. Ismael Scheffler, por ter me guiado nesta trajetória com seu conhecimento.

“Gosto de a palavra crer. Em geral, quando alguém diz eu sei, não sabe, acredita. Creio que a Arte é a única forma de atividade pela qual o homem se manifesta como indivíduo. Só por ela pode superar o estado animal, porque a Arte desemboca em regiões que nem o tempo nem o espaço dominam. Viver é crer – ao menos é isso o que eu creio.”

(DUCHAMP *apud* PAZ, p. 58)

RESUMO

WAL, Danielli Costa. **Intervenções urbanas**: arte e arquitetura. 2016. 31 f. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Programa de Especialização em Artes Híbridas, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2016.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem teórico-conceitual referente às intervenções urbanas e à relação entre arte e arquitetura, a fim de discutir a relação entre as intervenções urbanas, a cidade e o homem contemporâneo. Para tanto, apresenta conceitos de arquitetura, espaço, lugar e intervenção urbana. Por fim, apresenta e estuda três obras como estudos de caso de intervenção urbana.

Palavras-chave: Arte. Arquitetura. Intervenção urbana. Centro. Cidade.

ABSTRACT

WAL, Danielli Costa. **Urban Interventions: Art and Architecture**. 2016. 31 f. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Programa de Especialização em Artes Híbridas, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2016.

This paper presents a theoretical-conceptual approach of the relationship between art, architecture and urban interventions. This study discusses the concepts of urban intervention, the city and the contemporary man. This study also presents concepts of architecture, space, place and urban intervention. This research studies and analyses three urban intervention's case studies.

Keywords: Art. Architecture. Urban Interventions. City Center. City.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ARTE E A ARQUITETURA	12
2.1 A CIDADE: ESPAÇO E LUGAR	13
3 INTERVENÇÃO URBANA	17
3.1 ¿Y SI TE DETIENES A MIRAR...?	21
3.2 ACAMPAMENTO DOS ANJOS	23
3.3 ATELIER DA RUA PILOTO#CURITIBA	25
4 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo nasceu de uma inquietação a respeito da condição urbana, artística e arquitetônica, na qual as cidades e o homem contemporâneo estão inseridos. Por vezes, o estilo de vida do homem contemporâneo não permite a apreciação e a experiência da cidade e até mesmo da própria vida. Nesse contexto, as intervenções urbanas, artísticas e arquitetônicas atuam como ponto de conexão entre o homem e sua cidade, a vida e seus questionamentos e a arte e a arquitetura.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo e requisito de avaliação parcial para a conclusão do curso de Especialização em Artes Híbridas, pretende realizar uma leitura dentro do contexto da arquitetura e do homem contemporâneo, além de analisar intervenções urbanas que agem na cidade contemporânea. Para a obtenção desses objetivos, adotaram-se como procedimentos iniciais o levantamento de dados e a pesquisa bibliográfica. As contribuições adquiridas com a leitura da teoria sobre o tema possibilitaram a elaboração deste estudo e a análise de três produções.

É necessário destacar, nesse contexto, a relação intrínseca entre arquitetura e arte; para tanto, no primeiro capítulo, evidencia-se a difusão de seus limites desses dois campos. A arquitetura, que tem como uma de suas definições a organização de espaços, organiza o espaço da cidade e, sendo arte, contribui para a reflexão de questões existenciais, filosóficas, políticas e sociais.

Nesse capítulo inicial, também é realizada a contextualização da saída da arte às ruas. O século XX caracterizou-se por mudanças significativas, nas quais evidenciaram-se as práticas artísticas urbanas que buscaram uma fusão da arte com a vida. Desse período, podem ser lembrados (guardando-se as particularidades de períodos, artistas e movimentos): os dadaístas, os surrealistas, os situacionistas, entre outros, que por meio de suas poéticas impactaram a realidade política, social e cultural. Em parte da produção contemporânea de arte, são observadas mudanças de sua destinação ao mercado que recontextualiza a atividade artística na sociedade capitalista.

A cidade compõe-se de diversos espaços e lugares e é objeto físico, expressão arquitetônica, urbanística e artística. É o centro das atenções e tensões, preocupações, reflexões e vivências, tanto de seus moradores quanto de filósofos, cientistas e artistas. Os espaços e lugares das cidades são abordados no segundo capítulo, assim como os centros urbanos, que evidenciam-se como lugar de intervenções urbanas. Os centros caracterizam-se como lugares

de encontro de pessoas, de passagem, de espaços públicos e privados, e reúnem condicionantes que o evidenciam na cidade, porém também o degradam. A degradação dos centros e a frenética vida moderna abrem lugar às intervenções urbanas.

As intervenções urbanas, abordadas no segundo capítulo, acontecem nas cidades contemporâneas em meio à correria diária do homem e, normalmente, visam evidenciar as situações corriqueiras de maneira inusitada para que os espectadores possam experimentar a cidade de modo não usual. Assim, nesse capítulo, estudam-se três intervenções urbanas – a primeira e a terceira idealizadas por arquitetos e a segunda por um artista.

Esta pesquisa se justifica pela fluidez do ser contemporâneo que vive numa sociedade líquida (Bauman, 2001) e busca permanentemente a onipresença a fim de se enquadrar no mundo. A velocidade do cotidiano faz com que se passe despercebido por pequenos eventos que ocorrem nas ruas. Os espaços públicos, por vezes, relatam a imperceptibilidade, a efemeridade e a dissolução do edifício na cidade. A poética da arquitetura permeia, além das questões físicas e culturais da cidade, outras fundadas numa dimensão filosófica, em que a categoria estética do sublime ressurge no contexto contemporâneo, frente à fragilidade humana.

Para este estudo, a arquitetura em forma de intervenção urbana age sobre corpos que transitam pela cidade contemporânea e, assim, deixa de ser somente uma composição formal. Nessa mudança de perspectiva, ao passar a agir na cidade, a arquitetura retoma suas responsabilidades social, artística e intelectual.

2 A ARTE E A ARQUITETURA

A arquitetura é arte e deve emocionar: "é justamente porque tem como objetivo emocionar e dar prazer que a arquitetura é uma arte." (STROETER, 1986, p. 76). O desenvolvimento do urbanismo e da arquitetura contemporâneos deve ser compreendido levando-se em consideração sua intrínseca relação com a arte – relação esta tão profunda que seus limites tornam-se difusos ao passo que objetivos e atitudes convergem-se. A artista Cartaxo (2009) afirma que essas fronteiras confundem à medida que arte e arquitetura inspiram-se na experiência física do sujeito determinada pela natureza do lugar. Considera-se, também, a definição essencialmente criativa como ponto de conexão entre elas, sendo possível observar a existência de obras tão parecidas cuja autoria (artista/arquiteto) se mostra de difícil diferenciação (SCHULZ-DORNBURG, 2000). A alemã Schulz-Dornburg (2000) comenta, ainda, que a relação ambígua entre arte e arquitetura é definida, por um lado, por uma maior colaboração entre as disciplinas e pela transgressão dos limites mútuos e, por outro lado, pela comparação de sua integridade e relevância ou de sua autonomia e independência.

Por meio da arquitetura, o ser humano relaciona-se com o espaço e compreende a realidade – a arquitetura é forma e substância associada à função, é carregada de códigos e mensagens e é objeto de comunicação. Nesse contexto, o arquiteto Silva (1985) afirma que o objeto arquitetônico possibilita a leitura de diversas mensagens geradas não pelo arquiteto, mas sim pelo próprio edifício, considerado realidade material e sensível, e pelo usuário que coloca proposições próprias no processo de leitura das mensagens.

Entretanto, de acordo com o arquiteto Le Corbusier (*apud* STROETER, 1986, p. 15), a arquitetura deve emocionar e estar além das coisas utilitárias. Stroeter (1986) afirma que toda decisão do arquiteto é intencional e que os elementos físicos que compõem a arquitetura têm significados; portanto, é necessário ir além da resposta prática para ser possível dar ao edifício personalidade e conteúdo. Corroborando com Stroeter, Umberto Eco (1974) dispõe que os veículos sígnicos constituintes da arquitetura promovem comportamentos e que os símbolos, ou signos, presentes nas edificações estão conseqüentemente presentes nas cidades. Já Montaner (1998, p. 168) afirma que a essência das cidades não está somente em fatores funcionais, produtivos ou tecnocráticos:

Está feita de diversos materiais, dentre eles a representação, os símbolos, a memória, os desejos e os sonhos. É a sobreposição contínua de diversos estratos o que estrutura

a cidade, reino da diversidade e da pluralidade, fenômeno que não se pode interpretar de maneira unívoca.

A arquitetura organiza espaços tanto públicos quanto privados, mas é no espaço público que essa relação é evidenciada. Para Cartaxo (2009), "De forma uníssona, arte e arquitetura substituíram a contemplação dos objetos pela criação de ambientes para serem experimentados". A artista e pesquisadora ainda alega que a cidade, com a sua dinâmica própria, converte-se num reflexo do mundo e o artista, atento a isso, utiliza-a como meio de reflexão das relações entre o sujeito e a realidade (CARTAXO, 2009). De acordo com o arquiteto Montaner (1998), algumas obras de arte circundam o espectador assim como o faz, de forma semelhante, a arquitetura – porém de maneiras que desfiguram, desvirtuam, alteram e, ao mesmo tempo, enfatizam a funcionalidade da arquitetura. Precisamente, “uma das missões chave [sic] da arte na metrópole é a de colaborar a desvendar os vestígios, recordações e forças” (MONTANER, 1998, p. 176). O mecanismo que nutre as cidades é irracional e apoia-se em uma coerência dinâmica feita de tensões, pugnas e pactos entre agentes e operadores heterogêneos. O arquiteto defende, ainda, os espaços públicos como elementos básicos para a democratização da cidade e afirma que esta deve conter lugares de comunicação, informação gratuita e itinerários lúdicos (MONTANER, 1998).

2.1 A CIDADE: ESPAÇO E LUGAR

A partir da década de 1960, os questionamentos realizados pelas artes colaboraram com a ruptura de certos condicionantes históricos, o que abriu espaço para novos valores e práticas estéticas. A contemporaneidade discute o papel da arte e esboça uma poética fundada na aproximação do sujeito com o mundo (Cartaxo, 2009). As obras de arte podem representar questões existenciais do indivíduo contemporâneo – dilemas que se modificam no decorrer da vida, da mesma forma que a arte se altera ao longo dos anos. Para Bott (1970, *apud* SCHULZ-DORNBURG, 2000, p. 8, tradução da autora), “A arte forma parte da vida e a vida está exposta a câmbios e a novas orientações que devem ser visíveis e efetivas em todo lugar”¹.

¹ BOTT, Gerhard. **DasMuseum der Zukunft**. Colonia: [s.l.], 1970.

“*el arte debe tener una presencia extramuros a fin de disipar el odio de la exclusividad. El arte forma parte de la vida y la vida está expuesta a cambios y a nuevas orientaciones que deben ser visibles y efectivos en todo lugar*”.

As galerias de arte marcaram os anos 1970 (ARCHER, 2001), e foi nesse período que a arte saiu às ruas em busca de um público mais amplo. A ida das artes para a rua, de acordo com a artista Cartaxo (2009), torna pública a presença da arte e do artista, e o artista que trabalha no local passa a analisar as condições do lugar, como a escala, o usuário e a complexidade do contexto. Dessa forma, afirma Cartaxo (2009), o artista amplia seus meios e passa a construir novas fontes de referência com outras áreas de conhecimento. Segundo o crítico e escritor de arte contemporânea Michael Archer (2001), as galerias eram apenas parte de uma economia de mercado capitalista mais ampla e o dilema da arte que expressava rejeição à dependência desse sistema para ser exibida, apreciada e consumida resultou, em partes, no desenvolvimento da arte pública. As obras de arte de vanguarda geralmente eram bem aceitas pela comunidade e deixaram de fazer parte somente de museus, passando a ocupar os espaços da cidade (MONTANER, 1998).

Os artistas passaram então a utilizar a cidade e os espaços que a compõem, como lojas, hospitais, bibliotecas e a própria rua (tida como espaço para exposição), e atingiram um público mais amplo e igualitário. De acordo com Archer (2001), essa mudança acarretou modificações no método de trabalho dos artistas e já não era mais aceitável que os artistas impusessem suas soluções a um público passivo. As alterações da forma de trabalho dos artistas e dos espaços de exposição da arte marcam a vida cotidiana e chamam a atenção para as novas formas de consumo decorrentes da vida moderna.

A arte na rua aponta críticas e retoma o usuário aos momentos de passagem na própria rua, trazendo à tona a necessidade de sonhar no mundo. A poética presente nas obras de arte, quando transpostas às ruas, enriquecem o cotidiano do transeunte e o faz experienciar algo diferente do usual. Os sonhos e ideais do homem contemporâneo, por vezes esquecidos mediante a frenética e veloz vida na cidade, podem ser retomados e até mesmo renovados pelas intervenções urbanas, conforme o artista Oiticica:

Poetizar o urbano
 ↓
 As ruas e as bobagens do nosso daydream diário se enriquecem
 ↓
 Vê-se que elas não são bobagens nem trouvailles sem consequência
 ↓
 São o pé calçado pronto para o delirium ambulatorium renovado a cada dia.
 (OITICICA, 1979 *apud* BERTUCCI, 2015, p. 105)

A presença da arte nos espaços públicos modifica o caráter e o bem-estar das cidades, que se definem por meio de seus espaços e lugares. Os espaços públicos conectam pessoas, lugares e funções, além de permitir mobilidade de forma livre. Os espaços públicos determinam a imagem de uma cidade e contribuem para a definição das funções culturais, sociais,

econômicas e políticas nos municípios, alega Joan Clos (2015), Vice-Secretário-Geral das Nações Unidas. As cidades compõem-se de espaços e lugares que se diferenciam entre si:

Na escala urbana é importante distinguir espaço e lugar. O primeiro se define por suas dimensões, seus parâmetros, sua circulação e inserção no resto da cidade e pelas funções a que deve responder. Para que um espaço seja considerado um lugar, no entanto, deverá ele ter condições de ser escolhido por alguém como espaço preferencial. [...] É o usuário quem define um espaço como lugar. (WILHEIM, 2005)

Os lugares, segundo o geógrafo Tuan (1983), são visíveis através da rivalidade ou do conflito com outros lugares, da proeminência visual e do poder evocativo da arte, da arquitetura, das cerimônias e dos ritos. “Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos, um espaço torna-se lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983, p. 197).

A cidade, com sua dinâmica, passa a ser utilizada como meio de reflexão das relações entre o sujeito e a realidade à medida que a prática das artes no âmbito dos espaços públicos relata questões existenciais, filosóficas, ambientais, sociais etc. Para o historiador da arte Argan (1998), a cidade pode ser vista, em partes ou no todo, como uma obra de arte, e a arte pública na cidade como lugar é o meio de reflexão do ser no mundo contemporâneo. A artista Cartaxo (2009) afirma que a arte existente nos espaços públicos constitui-se como algo já consumido, pois é parte do organismo da cidade: “A indiscernibilidade entre a obra de arte pública e o espaço urbano revela a estrutura espacial contemporânea, na qual não existe distinção entre espaço interno e externo, individual e coletivo, privado e público.” (CARTAXO, 2009). O indivíduo conserva ou restitui a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente do prescrito em um projeto a fim de reagir ativamente ao ambiente.

O espaço público configura-se como estratégia de aproximação das pessoas com a arquitetura, e a adoção dos espaços da vida cotidiana revela a vontade de reaproximação entre o ser humano e o mundo. A poética do encontro do sujeito com o mundo tem por intermédio a cidade como lugar onde arte interage com a realidade da cidade e de seus fluxos de tal modo que, como relata a artista Cartaxo (2009), não é percebida como tal. A obra de arte deixa de ser algo a ser olhado e passa a um espaço a ser adentrado e experimentado. O historiador Archer (2001) comenta que alguns trabalhos são acréscimos a um lugar e revelam ao observador a paisagem em si, sem impor uma nova presença.

As obras de arte estabelecem relações dialógicas e dialéticas com o espaço e revelam a impossibilidade da separação entre a obra e o seu lugar de instalação. A saída da arte dos espaços convencionais e o seu ingresso no espaço público, a cidade, teve por intermédio o lugar arquitetura, e tanto a arte como arquitetura dissolveram seus

limites, de modo que seus objetivos e suas atitudes convergiram de forma determinante. (CARTAXO, 2009)

Além de serem historicamente eleitos para a localização de diversas instituições públicas e religiosas, os centros urbanos são referenciais simbólicos das cidades; o ideal de centro urbano, conforme Wilhelm (2005), é promover e facilitar contatos interpessoais. O arquiteto alega, ainda, que a cidade deve oferecer suficiente número e qualidade de espaços para que os cidadãos escolham seus lugares de encontro, pois o lugar será sempre um ponto de encontro, ou seja, um espaço que acolhe um encontro (WILHEIM, 2005). Heliana Vargas e Ana Luisa Castilho (2006) afirmam que o centro das cidades é o facilitador dos encontros e é identificado como o lugar mais dinâmico da vida urbana, à medida que é animado pelo fluxo de pessoas, pelos veículos, pelas mercadorias e pelas trocas comerciais. A somatória dessas atividades fortalece tal centralidade, embora seu significado possa extrapolar os limites da própria cidade.

O espaço das cidades está carregado de história, símbolos, significados e trabalhos socialmente produzidos. Farret (2006) afirma que a importância das áreas urbanas centrais não é apenas cultural, mas também econômica, na medida em que a cidade torna-se o foco das atenções sobre a grave questão da justiça social e territorial em uma sociedade quase totalmente urbanizada. De acordo com Vargas e Castilho (2006), quando a expansão das áreas urbanas se intensifica de modo espontâneo ou planejado, a noção de centro se dissolve em razão da formação de subcentros, processo que contribui e acelera a deterioração e a degradação dos centros urbanos. As questões que envolvem a degradação dos centros demanda a consideração de importantes instrumentos econômicos, sociais, jurídicos e institucionais. O enfrentamento desses processos implica em investimentos para a conservação, a recuperação e a reconversão-requalificação do patrimônio das cidades. Intervir nos centros urbanos, segundo Vargas e Castilho (2006), pressupõe avaliar sua herança histórica e patrimonial, seu caráter funcional e sua posição relativa na estrutura urbana, mas, principalmente, precisar o porquê de se fazer necessária a intervenção. A intervenção como manifestação de arte pública revela a vontade da subjetivação de uma estrutura espacial equivocadamente percebida como parte de um cenário cidade, em que se perdeu o seu sentido fenomenal original (CARTAXO, 2009).

3 INTERVENÇÃO URBANA

Intervenção, de acordo com banco de dados do Itaú Cultural (2016), é a ação sobre algo que acarreta reações diretas ou indiretas; é o ato de se envolver em uma situação a fim de evitar ou incentivar que algo aconteça; é a alteração do estabelecido, a interação, a intermediação, a interferência, a incisão, a contribuição. Caracteriza-se, ainda, pela reversibilidade de sua implantação na paisagem, por seu caráter efêmero, pelo intuito de provocar reações, transformações e percepções no comportamento dos indivíduos, bem como por ser um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, por interromper o curso normal das coisas por meio da surpresa, do humor, da ironia, da crítica e do estranhamento (ITAÚ CULTURAL, 2016).

As intervenções urbanas acontecem no dia a dia, numa politização do cotidiano, do espaço público, que marca um distanciamento da política institucional e enfatiza a cultura e a reprodução social como terreno de combate. O jornalista e doutor em comunicação Mazetti (2006, p. 124) afirma que as intervenções se destacam da "ação direta em contraposição à fomentação de visões utópicas, na busca por produzir novas maneiras de ver, sentir, perceber, ser e estar no mundo", as quais são proposições com causas, que têm como objetivo promover a reflexão e a sensibilização dos habitantes sobre a maneira de habitara cidade, de relacionar-se com os outros e com a natureza. De acordo com o artista inglês Stewart Home² (*apud* MAZETTI, 2006, p. 124-125), as intervenções urbanas que se propõem a extrapolar a experimentação estética na união entre arte e vida e que se colocam de forma crítica na sociedade buscam inspiração para suas atividades em movimentos artísticos que remontam a uma tradição que tem seu início no surrealismo e no dadá-Berlim.

As intervenções urbanas são práticas artísticas e arquitetônicas. No âmbito artístico, as intervenções têm sentidos múltiplos e não apresentam definição única para o termo. Nesse contexto, a intervenção urbana introduz a premissa da arte como meio para questionar e transformar a vida urbana cotidiana. Os sujeitos são ativos e criadores, de modo que a realidade deixa de ser reproduzida e passa a ser produzida. No âmbito da arquitetura e do urbanismo, as intervenções urbanas designam programas e projetos que visam reestruturar, requalificar ou reabilitar funcional e simbolicamente regiões ou edificações de uma cidade. A intervenção se

² HOME, Stewart. **Assalto à cultura**: utopia, subversão e guerrilha na (anti)arte do século XX. São Paulo: Conrad, 1999.

dá sobre uma realidade preexistente e objetiva experienciar, retomar, alterar ou acrescentar novos usos, funções e propriedades, além de promover a apropriação da população daquele determinado lugar. “Algumas intervenções urbanísticas são planejadas com o intuito de restauração ou requalificação de espaços públicos, [...] outras objetivam transformações nas dinâmicas socioespaciais, redefinindo funções e projetando novos atributos” (ITAÚ CULTURAL, 2016).

Nesse contexto, artistas e arquitetos interferem no espaço urbano com interesses ligados à aproximação da vida cotidiana, à inserção no tecido social, à abertura de novas frentes de atuação e à visibilidade para os trabalhos de arte. A inserção da intervenção urbana na cidade torna a arte mais acessível ao público, desestabilizadora e menos mercantilizada e musealizada. Dessa forma, segundo o crítico de arte e ativista Holmes (*apud* BRASIL, 2010), a intervenção urbana passa a ser ferramenta extra disciplinar de atuação política. As dimensões do efêmero e do social ganham proeminência na produção artística contemporânea, especialmente na vertente urbana, e os projetos definidos como arte ampliam suas preocupações às componentes imateriais e transitórias da cidade. Brasil (2010) cita o crítico e curador de arte Bourriaud e o filósofo francês Rancière³ para destacar que é no campo insurgente e indefinido existente entre arte e urbanismo e entre as práticas sociais e o desejo da criação de espaços relacionais que aposta-se no poder emancipatório dos momentos de ruptura e de outras formas de partilhado sensível.

A intervenção no espaço urbano interfere sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial. Tal tendência marcante da arte contemporânea gera multiplicidade de experimentações, pesquisas e propostas conceituais baseadas em questões ligadas às linguagens artísticas, ao circuito da arte ou ao contexto sociopolítico e com proposições provocativas à reflexão e à sensibilização dos habitantes, sobre a maneira como habitam a cidade, como relacionam-se com os outros e a natureza etc. De acordo com o jornalista Mazetti (2006), as intervenções urbanas enquanto manifestações de cunho político podem ser entendidas em um campo de interseção entre as práticas que buscam atuar nos níveis da representação e da produção de novas subjetividades, ou seja, ao mesmo tempo em que buscam criar outras formas de vivenciar o espaço público de maneira “afetiva”, também intervêm no cenário urbano questionando mensagens existentes e lançando outras, de cunho progressista.

³ RANCIÈRE, Jacques. **The politics of aesthetics**. London: Continuum, 2000.

Os experimentos artísticos que se inspiram na cidade revelam dimensões do urbano normalmente negligenciados. É no imprevisível, no inesperado, no não representável que reside o potencial transformador destes experimentos artísticos que tencionam o corpo e a cidade. “A arte é capaz de capturar o tempo e torná-lo sensível” (GROSZ⁴ *apud* BRASIL, 2010, p. 125). Cristiane Ribas (2016), quando questionada a respeito das definições de corpo e cidade, afirma que

O corpo não é a cidade. Porém tem relação com ela. E pode ser então que um corpo exista expulsando-se do corpo do outro, tomando espaço, ocupando. Expulsando-se do corpo da cidade. O corpo (humano) é uma superfície sensível, capaz de afetar e de sentir. Capaz de repetir e de diferir. Mas nunca existe na unidade. Existe contaminado, híbrido, modificado, incompleto. Corpos e territórios se mesclam, fazendo-se pela repetição e pela diferença na proximidade de outro corpo sensível, na dimensão de um poder ou do seu assujeitamento [...].

A dançarina Fabiana Britto (2010) afirma que só faz sentido pensar a cidade como fenótipo⁵ entendido do corpo se pensar a cidade e o ambiente como instâncias de um mesmo e único processo. Britto (2010) alega, ainda, que o corpo e a cidade são cofatores de configuração de um contexto, que o ambiente é o conjunto de condições circunstancialmente disponíveis por essas configurações para os relacionamentos entre elas se estabelecerem. Ainda que sob esse ponto de vista, os processos são a própria manifestação da ação do tempo, o que não significa que é impossível desenvolver estratégias de condução desse processo a partir de propósitos predefinidos – é disso que se trata a função de um urbanista ou de um artista, profissionais diretamente comprometidos com a dinâmica desse processo relacional entre corpo e cidade.

A ideia de a cidade ser o fenótipo entendido do corpo, segundo Britto (2010), expressa a codeterminância entre o corpo e seu ambiente de existência e propõe que se pense no corpo como sendo uma síntese de padrões sensório-motores selecionados ao longo dos processos relacionados com a cidade – e esta como sendo a síntese desses padrões de quem a habita. Esse processo é uma construção compartilhada, simultânea, de configuração do corpo e da cidade, cujas resultantes manifestam-se em suas diferentes escalas de tempo.

Se definirmos o corpo como veículo sensorial de interação no espaço e a percepção como ferramenta cognitiva de navegação do espaço, os projetos de arte e arquitetura se

⁴ GROSZ, Elizabeth. **Chaos, territory, art: Deleuze and the Framing of the Earth**. New York: Columbia University Press, 2008.

⁵ “Nome dado a cada um dos seres com mesmo aspecto geral de outros da mesma espécie, diferindo apenas por certos caracteres exteriores resultantes de condições mesológicas” (MICHAELIS, 2016).

expandem à noção de experiência corporificada de lugar. Segundo Pallasmaa⁶ (2005, tradução da autora),

Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o meio; [...] A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma única e contínua experiência existencial; não há corpo separado de seu domicílio no espaço e não há espaço não relacionado com a imagem inconsciente da autopercepção.

As intervenções podem ser caracterizadas como investigativas e transformadoras, além de trabalharem com riscos e incerteza, processos e circunstâncias num futuro indeterminado. A arquiteta Daniela Brasil (2010) chama as intervenções de experimentos artístico-urbanos e afirma que tais experimentos são intermediados por dispositivos variados e propõem certas situações ou montagens estratégicas para impulsionar, induzir e provocar experiências urbanas.

As linguagens técnicas e táticas empregadas nas intervenções são heterogêneas e podem ser ações efêmeras; eventos participativos em espaços abertos; trabalhos que convidam à interação do público; inserções na paisagem; ocupações de edifícios ou áreas livres, envolvendo oficinas e debates; *performances*; instalações; vídeos; trabalhos que se valem de estratégias do campo das artes cênicas para criar uma determinada cena, situação ou relação entre as pessoas, ou então da comunicação e da publicidade, como panfletos, cartazes, adesivos, lambe-lambes; interferências diretas em placas de sinalização de trânsito ou materiais publicitários, ou apropriação desses códigos para a criação de uma outra linguagem; manifestações de arte de rua, como o grafite (ITAÚ CULTURAL, 2016).

Bonnemaison e Eisenbach (2016), em comentário sobre seu livro *Installations by Architects*, afirmam que as instalações oferecem aos arquitetos uma nova maneira de engajar questões críticas ao trabalho prático. As intervenções ou experimentações, em dimensões sociais e materiais da arquitetura, trazem questionamentos ao ambiente construído que expandem as formas com que a arquitetura pode participar e impactar a vida das pessoas. “As intervenções urbanas que nasceram a partir de sua poética, trazem em sua linguagem as questões primordiais desta nova discussão onde espaço e tempo, se apresentam de forma plena e virtual, trazendo ao mundo uma nova visão de realidade a ser dissecada” (BOSCO E SILVA, 2009, p. 16).

⁶ “Our bodies and movements are in constant interaction with the environment; [...] The percept of the body and the image of the world turn into one single continuous existential experience; there is no body separate from its domicile in space, and there is no space unrelated to the unconscious of perceiving self.”

Um outro olhar é adicionado por Ana Asensio Rodriguez (2016), por meio da revista *The AA Magazine*. A redatora complementa que a improvisação criativa e coletiva gera alegria e que a participação comunitária contagia com felicidade. O aprendizado pelo viés emocional faz com que os conceitos sejam gravados e memorizados, permanecendo por muito tempo na memória. No âmbito da cidade, a provocação no espaço gera sentimentos que relacionam-se neurológica e psicologicamente, segundo Rodriguez (2016), assim a felicidade ou qualquer outro sentimento que um local pode despertar estará em sintonia com o espaço modificado pela intervenção.

Nos tópicos a seguir, são apresentadas três intervenções urbanas que permitem compreender melhor os estudos e conceitos apresentados.

3.1 ¿Y SI TE DETIENES A MIRAR...?

A intervenção urbana realizada e premiada em 2015 no Festival Hecho en Casa3, em Santiago, Chile, foi idealizada pelo estúdio de arquitetura Dinamo e pelo escritório de arquitetura Stampaa⁷ e apresentou o discurso intitulado *¿Y si te detienes a mirar...?* (“E se você parasse para olhar...?”) na parte frontal do Centro Cultural Gabriela Mistral. A intervenção chama atenção à pergunta: Por que não podemos parar um momento e olhar onde estamos, o que estamos fazendo, e ver quem está ao nosso redor?



Figura 1 – Imagem diurna da intervenção urbana *¿Y si te detienes a mirar?*

Fonte: STAMPAA, 2015.

⁷ Dinamo é composto pelos arquitetos Nuria Espina e Xavier Pujol, e Stampaa, por L. Março Gema e Carlos Pesquera.



Figura 2 – Imagem noturna da intervenção urbana *¿Y si te detienes a mirar?*

Fonte: STAMPAA, 2015.

A obra, produzida somente para apresentação em concurso, não foi executada. *¿Y si te detienes a mirar?* consistiu em 20 projeções de pessoas no teto, que criavam reflexos do que é visto todos os dias pelo espectador; para ver as pessoas penduradas, era necessário olhar para cima e, com isso, alterar o ponto de vista. A conexão com o espectador era feita por meio de nomes na fachada e histórias anônimas descritas no caminho, que podiam ser reconhecidas por qualquer pessoa. A intervenção convidava à reflexão sobre o ritmo frenético em que as pessoas vivem nas cidades e visava à surpresa no dia a dia. A vida na cidade geralmente é corrida e marcada por estresse, e o ser humano vive uma pluralidade em meio a um entorno desconhecido por falta de tempo de olhar a sua volta (STAMPAA, 2016).

A intervenção urbana idealizada pelos arquitetos critica a frenética vida do homem moderno evidenciada pelo modo de vida capitalista, além de questionar o cotidiano e propor a transformação na percepção e no comportamento dos indivíduos por meio da surpresa e do estranhamento. A obra chama ludicamente o espectador aos momentos importantes da vida quando coloca imagens conhecidas em um lugar na cidade. As imagens conhecidas só são vistas a partir do momento em que o espectador entra na obra e muda a direção do seu olhar: o ato de

entrar diferencia-se do passar pela obra, e o mudar a direção do olhar faz com que o espectador modifique sua maneira de se relacionar com o espaço e o perceba de maneira diversa.

A obra traz questões existenciais tanto em seu próprio nome quanto ao colocar imagens conhecidas – corpos iguais e brancos – de ponta cabeça, como se fossem sombras. O corpo do transeunte estranha o lugar e a cor da sombra, pois está acima do seu corpo e é branca. Ainda há nas cidades contemporâneas pessoas que vivem às sobras do capitalismo e até mesmo da vida, e há quem acredite que “estar acima” é sinal de superioridade. O corpo-cidade com intermédio da intervenção percebe e tenciona o corpo do transeunte que, ao observar e passar no mesmo lugar em outro momento refletirá a respeito de sua experiência.

As questões levantadas são: O que acontece com as pessoas que param para olhar, observar o mundo e a vida que as rodeia? Será que eu conheço a mim mesmo? Será que sou eu? Quando a pessoa para e observa, ela faz a diferença e deixa de ser somente mais uma em meio às outras, deixa de ser a imagem branca ou a sombra, sem cor.

3.2 ACAMPAMENTO DOS ANJOS

A intervenção urbana *Acampamento dos anjos*, do artista Eduardo Srur, foi premiada pelo Museu de Arte de Santa Catarina e pelo Museu de Arte do Paraná. A obra compõe-se de barracas de *camping* coloridas, instaladas verticalmente na arquitetura de edifícios e construções, e já foi exposta em diversos lugares ao redor do mundo.



Figura 3 – *Acampamento dos anjos* em prédio
Fonte: SRUR, 2016.

Realizada primeiramente em 2002, em São Paulo, a obra consiste na disposição de 40 esculturas (barracas de *camping* formato iglu, de tecido de náilon impermeável, fitas de polipropileno, ilhoses e cacos de aço) em prédios. O artista trabalha com o corpo que intervém no mundo e sua obra ocupa o espaço público ao mesmo tempo que apropria-se do objeto. De acordo com Srur (2016), essa obra teve motivação espiritual, guiada pelo Salmo 34:8: "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra". O artista ainda afirma que

A percepção de anjos acampados em locais suspensos e a ideia de proteção permeiam o conceito do trabalho, considerado o ápice poético das intervenções. Durante a noite, a iluminação no interior das barracas transforma a composição e nos lembra de que sempre é possível amparar-se na arte. (SRUR, 2016)

Em suas obras, Srur procura criar situações e despertar olhares, a fim de que o espectador seja participativo. O artista utiliza a cidade como laboratório de pesquisa e suporte para a intervenção urbana.

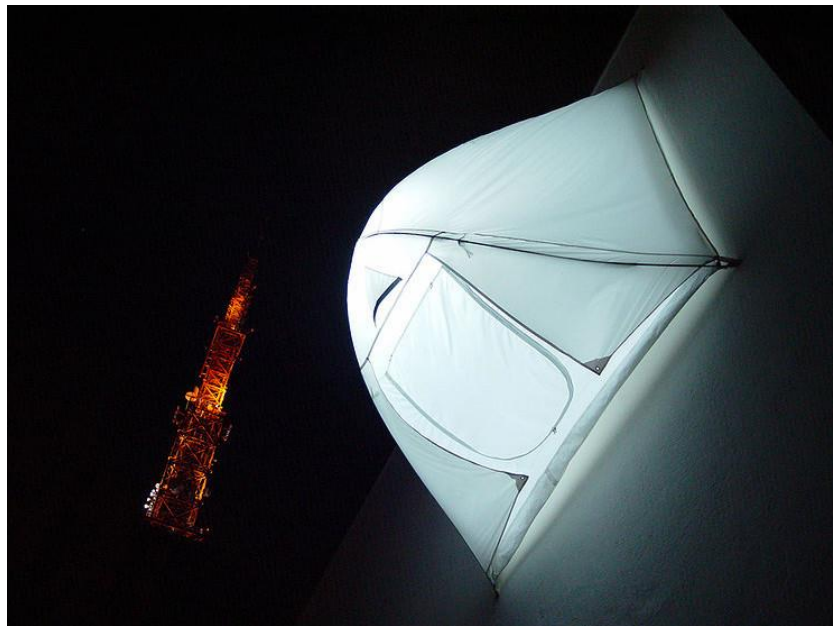


Figura 4 – Fachada da Galeria Vermelho, SP, 2005
Fonte: SRUR, 2016.

A intervenção urbana idealizada pelo artista chama mais atenção ao anoitecer e surpreende o espectador que caminha pela cidade e depara-se com barracas iluminadas penduradas horizontalmente em fachadas de prédios. O estranhamento é justamente o ponto chave da obra: a barraca tem como finalidade o habitar temporário e é fixa no chão; na obra, contudo, é impossível que alguém, a não ser pela luz ou por um anjo, como Srur comenta, habite a barraca. A barraca não habitável pelo homem ilumina o espaço.

Considera-se que a obra remete às questões sociais de moradia da cidade e religiosa. A intervenção transforma o corpo-cidade por meio da transformação do edifício e modifica a forma deste de ser observado pelos olhos de quem transita na rua, além de gerar estranhamento. Chama a atenção do transeunte que deve olhar à frente e acima para experienciar a obra. De forma lúdica e alegre através das luzes coloridas, o subconsciente do observador associa a luz à temor e proteção; é com a luz que normalmente o ser humano sente-se seguro e amparado. Já a questão social da moradia surge quando as “moradias de anjos” localizam-se inusitadamente na fachada de outra moradia – assim como surgem moradia sem locais inusitados, uma por cima da outra (como nas favelas) –, que à noite, com o acender das luzes, têm sua presença mais evidente.

3.3 ATELIER DA RUA PILOTO#CURITIBA

Projeto de intervenção urbana, em desenvolvimento, da arquiteta autora deste estudo em conjunto com a arquiteta Maria João Pita, idealizadora do projeto *Atelier Da Rua*⁸, que tem alcance mundial, com projetos pilotos em Paris e Curitiba. O *Atelier da Rua Piloto#Curitiba* é um projeto de intervenção urbana de cunho político e social, que surge como resultado de estudos e pesquisas sobre os espaços públicos, em especial as ruas. Esse projeto compreende que o caráter e o bem-estar de uma cidade são definidos por seus espaços e lugares públicos e privados. Os espaços e lugares públicos desempenham um papel crítico nas cidades, conectando pessoas, espaços e funções de forma a permitir a todos o ato de “ir e vir” livremente – característica que facilita a integração social, a mobilidade e a sustentabilidade dos lugares. O espaço inadequado, mal desenhado e marginalizado permite o aumento da violência, agravando a segregação social e a exclusão. Os princípios do projeto, claramente destacados e valorizados no documento *Public Space in the New Urban Agenda: Key Messages from Future of Places* (UNHABITAT, 2016), serão apresentados durante a III Conferência Hábitat, a ser realizada no ano de 2016 em Quito.

⁸ Projeto disponível nos seguintes endereços eletrônicos:
<<http://www.mariajoapita.info/AtelierDaRua.html>>. Acesso em: 24 abr. 2016.
<www.atelierdarua.org>. Acesso em: 24 jul. 2016.
<<https://www.facebook.com/AtelierDaRuaCuritiba/>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

A arquitetura em diálogo com o contexto fomenta a conservação e a criação de espaços saudáveis e acessíveis. As intervenções urbanas, por sua vez, colaboram na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e da cidade em geral. Assim, o *Atelier da Rua Piloto#Curitiba* têm o objetivo de sensibilizar os cidadãos em relação à sustentabilidade e ao seu meio ambiente, ou seja, preencher as lacunas existentes entre as necessidades e os direitos dos cidadãos num determinado espaço urbano e, ao mesmo tempo, sensibilizar, por meio da arquitetura, para a importância e o valor do desenho urbano.

Para alcançar esses objetivos, a equipe do projeto de Curitiba reúne-se no espaço público com a intenção de conversar com os cidadãos e explorar o espaço para, posteriormente, realizar a intervenção.



Figura 5 – Equipe do Atelier da Rua na Rua João Negrão, em 28 de junho de 2016
Fonte: Acervo da autora.

Essa intervenção tem a intenção de modificar o corpo-cidade, transformando o espaço em lugar, e trazer a experiência ao corpo do homem contemporâneo, além de propiciar a melhoria de qualidade de vida e segurança pública, causa social de extrema relevância na cidade de Curitiba.

4 CONCLUSÃO

As intervenções urbanas, realizadas por artistas e arquitetos, surgiram a partir de sua própria poética e trazem em sua linguagem questões primordiais de uma nova discussão: a de que espaço e tempo apresentam-se de forma plena e virtual, trazendo ao mundo uma nova visão de realidade a ser dissecada pelo homem contemporâneo.

Considerando, ainda, a carência artístico-cultural da sociedade marginalizada nas grandes cidades, esta pesquisa pretendeu trazer à luz as possibilidades de eventos que se apropriam da cidade para criar e apresentar arte, cultura e arquitetura, bem como mostrar a necessidade de aprofundamento da compreensão da arte e sua direta influência na sociedade – em especial nas metrópoles, onde surge a necessidade de diálogo com a urbe para o questionamento da contemporaneidade, de suas nuances e de sua representação artística.

Assim, as intervenções, que são acessíveis a todos, independentemente de poder aquisitivo, conectam o homem moderno a questões de extrema importância à sociedade atual. Uma vez que os espaços públicos são elementos de democratização da cidade lúdica, as obras aqui apresentadas oferecem aos arquitetos uma nova maneira de engajamento em questões críticas ao trabalho prático. Em dimensões sociais e materiais da arquitetura, essas experimentações trazem questionamentos ao ambiente construído que expandem as maneiras que a arquitetura pode participar e impactar a vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Mundo da Arte).

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BERTUCCI, Patricia Morales. **Intervenção Urbana, São Paulo (1978-1982)**: o espaço da cidade e os coletivos de arte independente – Viajou sem Passaporte e 3Nós3. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2015.

BONNEMAISON, Sarah; EISENBACH, Ronit. **Installations By Architects**: Experiments in Building and Design. New York: Princeton Architectural Press, 2010. Disponível em: <<https://www.papress.com/html/book.details.page.tpl?isbn=9781568988504>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BOSCO E SILVA, Luciana. Cidade/arte: a instalação e sua transmutação em objeto expandido no meio urbano. **Revista Digital do LAV**, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337027034014>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BOTT, Gerhard. **Das Museum der Zukunft**. [s.n.]: Colonia, 1970.

BRASIL, Daniela. Sobre os experimentos artísticos do corpocidade. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

BRITTO, Fabiana Dultra. Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

CLOS, Joan. A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths. In: KARSSENBERG, Hans; LAVEN, Jero en; GLASER, Meredith; HOFF, Mattijs van t. **A cidade ao nível dos olhos: lições para os plints**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015. Disponível em: <<https://thecityateyelevel.files.wordpress.com/2015/10/a-cidade-ao-nivel-dos-olhos.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FARRET, Ricardo L. Prefácio. In: VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri: Manole, 2006.

GROSZ, Elizabeth. **Chaos, territory, art**: Deleuze and the Framing of the Earth. New York: Columbia University Press, 2008.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura**: utopia, subversão e guerrilha na (anti)arte do século XX. São Paulo: Conrad, 1999.

ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia de artes visuais**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.

MAZETTI, Henrique Moreira. Entre o afetivo e o ideológico: as intervenções urbanas como políticas pós-modernas. **Eco-Pós**, v. 9, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1086/1026>. Acesso em: 24 fev. 2016.

MICHAELIS. **Fenótipo**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/fenotipo%20_965505.html>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MONTANER, Josep Maria. **La modernidad superada: arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX**. 2. ed. Barcelona: G. Gili, 1998.

OITICICA, Helio. **Eu em mitos vadios**. [s.l.]: [s.n.], 1978.

PALLASMAA, Juhani. **The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses**. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd., 2005.

PAZ, Octávio. **Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RIBAS, Cristina. **A cidade repete o homem**. Disponível em: <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/r8/jogo-e-catimba-8/a-cidade-repete-o-homem/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

RODRIGUEZ, Ana Asencio. **¿Qué es una ciudad creativa?** Disponível em: <<http://theaaaamagazine.com/2016/01/26/que-es-una-ciudad-creativa/#more-3150>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

SCHULZ-DORNBURG, Julia. **Arte y arquitectura: nuevas afinidades**. Barcelona: G. Gili, 2000.

SILVA, Elvan. **Arquitetura & semiologia: notas sobre a interpretação linguística do fenômeno arquitetônico**. Porto Alegre: Sulina, 1985.

SRUR, Eduardo. **Acampamento dos anjos**. Disponível em: <<http://www.eduardosrur.com.br/#!acampamento-dos-anjos/cm3c>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

STAMPAA. **Interpretación por Gonzalo Zuñiga de ¿Y si te detienes a mirar...?** 14 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.stampaa.com/interpretacion-por-gonzalo-zuniga-de-y-si-te-detienes-a-mirar>>. Acesso em: 23 mar.2016.

STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura & teorias**. São Paulo: Nobel, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNHABITAT. **Public Space in the New Urban Agenda: Key Messages from Future of Places**. Disponível em: <<http://unhabitat.org/wp->

content/uploads/2015/11/Key%20Messages%20from%20Future%20of%20Places.pdf>.
Acesso em: 24 abr. 2016.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri: Manole, 2006.

WILHEIM, Jorge. **Cidades**: o que há de novo? 2005. Disponível em:
<<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/137/urbanismo-22206-1.aspx>>. Acesso em: 23
abr. 2016.